

O PROBLEMA JÁ NÃO É APENAS MORAES

Desde 2019 uma pergunta cresce, em volume e gravidade, no coração político do Brasil: até onde se pode justificar os poderes que o Supremo outorgou para si, às margens da constituição, e até quando os três poderes conseguirão manter equilíbrio nessa nova configuração?

Durante anos, a relação entre Luiz Inácio Lula da Silva e Alexandre de Moraes foi vendida como um pilar de estabilidade, uma união para proteger a ordem republicana. O presidente defendia o Supremo publicamente e Moraes atuava sempre contra a oposição do presidente. Moraes não foi indicado por Lula, mas, de jantares na casa do ministro a reuniões políticas, o laço entre o Planalto e o gabinete de Alexandre foi muito além do protocolo oficial. E na política, onde as alianças são formadas por sinais e confiança, a conta sempre chega.

Hoje, diante do caso Daniel Vercaro, a tentativa do governo de manter distância não convence. Não porque Lula seja acusado de participar do caso Vercaro para além das reuniões que fez fora da agenda oficial, mas porque, nos últimos anos, o presidente e o ministro construíram uma blindagem mútua. Moraes nunca foi um ministro de Estado qualquer, daqueles que o governo pode simplesmente demitir e esquecer. Ele se tornou o símbolo de uma era, parte principal de uma engrenagem. Quando a engrenagem começa a rachar, o estrondo é ouvido diretamente no Palácio do Planalto.

A história brasileira ensina que a mistura entre poder, negócios de interesse pessoal e quem deveria julgar essas relações nunca termina bem. Foi assim no "mar de lama" do governo de Getúlio Vargas, nos anos 1950, onde o problema principal não eram apenas as decisões diretas do presidente, mas o ambiente de favorecimento que crescia no Palácio do Catete. Anos depois, Collor e PC Farias viraram símbolo de uma República onde o interesse pessoal engolia o institucional. E, décadas mais tarde, a Lava Jato escancarou redes que iam muito além dos cargos oficiais. A crise sempre nasce quando o cidadão percebe que os limites desapareceram.

Lula tem uma longa história de turbulências. Ele sabe, como poucos, sobreviver a aliados em crise, uma arte que aperfeiçoou ao longo do Mensalão e do Petrolão.

O pior cenário para o país é este que se mantém há mais de duas décadas de esquerda no poder, em que a sociedade olha para Brasília e já não consegue separar o que é amizade, aliança, negócio privado ou dever público. Tentar separar Lula e Moraes agora é como tentar tirar a tinta diluída em um copo de água: a cor já se espalhou por completo. Quando duas lideranças andam juntas pela conveniência, acabam dividindo a conta no fim da noite.

Nesse cenário, a questão é simples: onde termina a relação pessoal e começa o dever com o Estado? Quando essa fronteira se apaga, o problema já não é apenas Alexandre de Moraes. E Lula passa a carregar, mais uma vez, grande parte do peso dessa nova crise.

- **Fronteiras apagadas:** A expansão do poder do Supremo e a crescente dificuldade de distinguir os limites entre Judiciário, Executivo e Legislativo.
- **Blindagem recíproca:** A proximidade construída entre Lula e Moraes transforma crises envolvendo o ministro em desgaste político também para o Palácio do Planalto.
- **Poder e interesses:** A mistura entre relações pessoais, alianças políticas, negócios privados e funções públicas alimenta a percepção de degradação institucional.

